

## **Novos Veios da Literatura Comparada: Imagologia e estereótipos em Le Clézio, Lídia Jorge e Fay Weldon**

Maria João Simões

CLP<sup>1</sup> - Universidade de Coimbra

Larga discussão tem sucedido à publicação do relatório de Haun Saussy — o professor de Literatura Comparada convidado pela American Comparative Literature Association a realizar o relatório decenal previsto nos estatutos. Como se sabe, o seu relatório intitulado “Report on the State of the Discipline, 2004”, surge no volume intitulado *Comparative Literature in an Age of Globalization*, publicado em 2006, e nele o autor fala nas batalhas vencidas pela Literatura Comparada e no reconhecimento desta disciplina em muitas instituições de ensino superior, mas também nas dificuldades a ultrapassar quer ainda no plano institucional quer no plano das suas discussões internas.

Embora neste lilliputiano Portugal muitos dos problemas e questões derimidos ou minimizados noutros países precisem ainda de muita atenção e de muito trabalho de demolição de muros tradicionais que se opõem à transdisciplinaridade e transversalidade que a Literatura Comparada implica, não podemos deixar de acompanhar as preocupações actuais de instituições e professores que já percorreram esses caminhos e que se defrontam hoje com outras encruzilhadas não menos difíceis. Talvez essa atenção nos faça perceber melhor que atalhos poderemos tomar para evitar antigos e novos escolhos.

---

<sup>1</sup> Este estudo integra-se na investigação desenvolvido no CLP - Centro de Literatura Portuguesa, no âmbito do Projecto interno: “Imagotipos Literários: Processos de (Des)Configuração na Imagologia Literária”.

Será esta, pois uma das razões que nos deve conduzir à leitura da recensão crítica que Hans Bertens elaborou sobre a obra que integra o relatório de Haun Saussy, recensão publicada no verão de 2008, no Volume 24 de *Recherche Littéraire/Literary Research* e à leitura de outros textos que reagem não só ao relatório de Haun Saussy, mas também aos textos que acompanham a sua publicação no volume referido.

Segundo Hans Bertens, se o anterior relatório — o famoso relatório de Charles Bernheimer (“Comparative Literature at the turn of the century”), de 1993 — respondia ao antigo alarmismo de René Wellek (em “The crise of Comparative Literature”, de 1958), pelo derrubar de barreiras, pela recusa de limites e pelo alargar do campo da Literatura Comparada à dimensão dos estudos culturais, já o relatório de Hauns Saussy parece ser uma tentativa de regressar ao terreno do literário, embora, comparatista no conjunto de ensaios reunidos por Haun Saussy, ainda seja marcante a presença de vozes advogando um elástico alargamento do campo.

Inevitavelmente emergem nesta obra muitas das questões hoje levantadas nos domínios dos estudos literários e culturais colocadas muitas vezes em forma de oposições: eurocentrismo - globalização; tradução - intradutibilidade; identidade - alteridade; centro - periferia; cannónico - não-canónico; etc.

Para muitos autores deixou de ser importante delimitar o carácter e o alcance da disciplina, pois, como salienta Hans Bertens (2008: 31) a indecidibilidade da disciplina tornou-se para ela própria realmente uma forma de vida. Tal postura leva mesmo certos autores a reivindicarem como essencial para orientação deste campo de estudos precisamente o sentido de indisciplina — como acontece com David Ferris cuja colaboração em *Comparative Literature in an age of globalization*) se intitula “Indiscipline”. Ecoa neste título a opinião de Peter Brooks que afirmara ser a Literatura Comparada a quintessência da “disciplina indisciplinada” (*apud*, Weninger, 2006: xii)

Um filão de ideias idêntico é aquele que parece advogar o comparatista alemão Robert Weninger quando considera ser estimulante e “vibrante a contínua procura de novos remédios para as dores de cabeça exegéticas” desta disciplina que está sempre pesquisando “novos antídotos para as várias maleitas” que vão sendo diagnosticadas. Para este autor, é “esta mesma propensão para vermos as nossas doenças” que, beneficemente, tem inspirado mais os comparatistas que os estudiosos de outros campos “a questionar os próprios métodos e pressupostos e a continuamente redefinir os perímetros e os parâmetros dos nossos assuntos” (Weninger, 2006: xviii). Daqui resulta a constante actualização desta disciplina.

Se, segundo a sugestão de Haun Saussy, é preciso pensar a literatura comparada como uma disciplina “definida pela procura dos seus próprios objectos”, já Hans Bertens (2008 : 32) vai mais além e propõe que ela seja “uma disciplina definida pela procura das questões apropriadas”. Neste sentido, a questão frequentemente colocada à Literatura Comparada “Porque é que nos devemos interessar pelo encontro?” deveria, com mais proveito, ser substituída pela questão “Com que propósito se juntam comparativamente e se colocam face a face determinados textos?” (*idem*, 33). Será mais pertinente, para o investigador e teórico alemão, erigir como fio condutor as seguintes interrogações: “Que questões se pretende colocar?” e “O que é que se pretende encontrar?”

É estranho, para Hans Bertens, que, no âmbito da Literatura Comparada, sempre se tenha desenhado um interrogar-se sobre as condições necessárias ou desejáveis para o acto da comparação, mas que pouco interesse tenha suscitado a ideia de que “esta pesquisa possa ser motivada por problemas e questões” consideradas relevantes.

Em meu entender, a Imagologia, enquanto ramo da Literatura Comparada, é capaz de colocar algumas questões importantíssimas no contexto cultural dos dias de hoje, marcado pelo multiculturalismo e por uma globalização de ritmos diferenciados.

Não se trata de pensar que a Imagologia é a resposta para todas as questões colocadas por esta maleável e lábil disciplina, mas apenas que a Imagologia pode constituir um caminho, uma renovada via do comparatismo.

Ficará claro que assim é, se se atentar na escolha do conferencista que abrirá a Colóquio promovido pela Société Belge de Littérature Générale et Comparée (SBLGC) a realizar dentro de poucos dias em Louvain-la-Neuve (17-18 Nov 2008). Na verdade, na sequência do desafio lançado logo a partir título do Colóquio — *Nouvelles Voies du Comparatisme / New Paths For Comparative Literature* — os organizadores optaram por escolher Joep Leersson para proferir a conferência de abertura deste colóquio. Ora Joep Leersson — na esteira do trabalho perseverante desenvolvido pelo pioneiro flamengo Hugo Dyserinck, em Aachen — é uma das figuras fundamentais do renovado interesse pela Imagologia na actualidade. Na verdade, Joep Leersson, juntamente com Manfred Beller, têm dado um novo fulgor e criado uma nova dinâmica à abordagem imagológica, tornando-a uma área de ponta na investigação científica. Num projecto subvencionado por várias instituições Manfred Beller levantou a ideia de um *Handbook of Imagology*, vindo depois a publicar, juntamente com Joep Leersson, a obra intitulada *Imagology: The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey*, configurando assim o volume 13 da série *Studia Imagologica* editada em Amsterdam (uma publicação serial que remonta a 1992 com estudos monográficos e que se reconfigurou como publicação colectiva a partir de 1995).

Reunindo a colaboração de diferentes especialistas, esta nova obra sobre Imagologia pretende responder às perguntas colocadas no texto de divulgação da obra, reproduzido na contracapa:

How do national stereotypes emerge? To which extent are they determined by historical or ideological circumstances, or else by cultural, literary or discursive conventions? (Beller & Leerssen, 2007)

Para estas perguntas norteadoras pretendem os organizadores desta obra encontrar algumas respostas apresentando não só artigos sobre representações caracteriológicas de nações como

também conceitos fundamentais na abordagem imagológica e ainda a apresentação prévia de artigos teóricos de fundo sobre a Imagologia.

Nas palavras de abertura os organizadores afirmam:

This book is meant both to demonstrate and to facilitate the critical analysis of national stereotypes in literature (and in others forms of cultural representation), known in many languages as *imagology*. The term is a technical neologism and applies to research on the field of our mental images of the Other and of ourselves. (*idem*, xiii).

Residual é o papel que muitos intelectuais hoje querem atribuir à Literatura; mas o que as palavras destes autores mostram com clareza é que a Literatura hoje (como sempre) desempenha um papel fundamental na sociedade ao plasmar nos seus textos não só as representações estereotipadas de caracterizações grupais e nacionais como também na desmistificação e desmitificação desses estereótipos. Na verdade, as representações literárias pelo seu específico carácter narrativo tendem a mostrar como os estereótipos se formam e se ordenam, mas também como as peripécias e as situações por que passam as personagens conduzem à quebra desses estereótipos, mostrando a sua insuficiência, ou a sua vacuidade. Numa sociedade dominada pela “superabundância de material visual”, como salientou Susan Sontag, a imagem ganhou relevância, mas, por este mesmo motivo, ela também se tornou mais efémera, uma vez que as imagens estão constantemente a ser substituída por outras mais recentes. É neste contexto que sobrevém a mais-valia da representação literária, pois se a proliferação também neste domínio ganhou pontos, a literatura tem uma maior capacidade de permanência no imaginário e uma maior capacidade de convocar uma multiplicidade de vozes e perspectivas simultaneamente.

Engana-se, pois, quem não acredita que esta questionação das certezas adquiridas alcançada artisticamente pela Literatura (e pela Arte em geral) é verdadeiramente fundamental para o inteligir da sociedade multicultural que é a nossa hoje.

Avidamente se procuram agora os escritores que põem em xeque ideias pré-estabelecidas sobre o “outro”, o estrangeiro e o estranho e que configuram ficções onde se questionam as relações sociais dos sentidos identitários confrontados com a alteridade e a diferença — como de certa forma espelha a escolha de Le Clézio para o prémio Nobel.

Decerto isto também explica a razão pela qual duas das suas obras mais conhecidas são *O Deserto* e *Estrela Errante*, obras que representam dramaticamente o encontro com o “outro” e onde as suas personagens são obrigadas a viajar para países diferentes, mostrando, através das situações e dos episódios criados, os choques culturais e as mudanças nas suas maneiras de perspectivar o seu mundo e mundo dos “outros”.

A errância, imposta ou desejada, funciona como o motivo de encontro e/ou desencontro com o ‘outro’ e uma busca de identidade própria como se lê no romance *Estrela Errante*. Enunciada como tema logo a partir do título, a errância impulsiona a procura do “eu” e o encontro com o “outro”, como é visível pelo percurso da quer da primeira protagonista deste romance, Ester, que com outros judeus foge da sua aldeia perto de Nice e tenta a fuga pelas montanhas para conseguir chegar a Israel, quer pela segunda protagonista, Nejma, a palestiniiana que caminha nas colunas de refugiados que se cruzam com os camiões dos regressados a Isarel.

Cineticamente desenhado, o episódico onde as duas jovens se cruzam consegue expressar e transmitir a figuração do próprio ‘deslocamento’. Durante o breve instante do seu encontro, e enquanto à volta delas outras mulheres há que soltam palavras cheias de revolta (“Les femmes se détournaient, certaines lui criaient des mots durs dans leur langue” (1992: 219)), Nejma estende um caderno a Ester onde escreveu o seu nome, pedindo que ela aí escreva também o seu. Para além da ideia de uma simbólica passagem de testemunho, de exilada para futura exilada, que as faz comungar de um mesmo sentir do ostracismo e da incompreensão, este efémero momento figura a “identidade” de que não abdicam estas jovens mulheres e que se expressa emblematicamente pela

inscrição do nome. Simbolicamente, este episódio ganha ainda outro significado: é uma além disso, afirmação da possibilidade de comunicação com o “outro” — possibilidade viável, não por acaso, no feminino.

Contrariamente a este gesto, as palavras duras gritadas pelas mulheres do grupo dos refugiados expressam a interpretação estereotipada que elas têm relativamente aos colonizadores que chegam, e o mesmo se passa com a expressão utilizada por uma mulher sentada ao lado de Ester que, quando vê os refugiados, exclama: “Des Arabes”. Ambos os comportamentos implicam uma visão negativa do outro grupo, um heteroimagotipo negativo, considerado como um todo uniforme não discriminando dentro dele a variedade dos múltiplas indivíduos que o formam.

Isto explica-se pelo facto de haver a tendência para homogeneizar o grupo externo, enquanto o grupo a que se pertence é visto como heterogéneo, como explica Scott Plous:

En el lenguaje de la psicología social, un "grupo interno" es el grupo al cual una persona pertenece, y un "grupo externo" es un grupo al cual una persona no pertenece (por ello, el "grupo interno" para una persona puede ser el "grupo externo" para otra persona, y viceversa). Investigaciones sobre el efecto de la homogeneidad del grupo externo han encontrado que cuando se trata de actitudes, valores, rasgos de la personalidad y otras características, la gente tiende a ver a miembros del grupo externo más parecidos que a miembros del grupo interno. Como resultado, miembros del grupo externo tienen el riesgo de ser vistos como intercambiables o disponibles, y tienen más probabilidad de ser estereotipados. (Plous, 2003).

Todavía aquilo a que assistimos no romance de Le Clézio é a uma complexificação deste olhar sobre o Outro: se, por um lado, encontramos a visão homogénea e estereotipada do grupo ‘estrangeiro’ (ora como pano de fundo, ora subliminarmente), por outro lado, temos o quebrar e o desfazer desse estereótipo pela consciente identificação da semelhança da própria vivência do “deslocamento” e do “exílio” entre as duas figuras femininas principais.

Para o leitor, depois deste breve encontro, o que existe é um cruo retorno à figuração da opressão e do isolacionismo, pois quando Ester finalmente chega ao seu desejado “El Dorado”, o leitor é de imediato conduzido, ou transportado, para a miséria do campo de refugiados de Nour Chams. Campo ou guetto ou fuga é sempre a imagem de “aprisionamento” ou “exclusão” que se levanta — por isso Nejma sentirá “le camp semblable à une prison”. (1992: 261).

Ao configurar as personagens Ester e Nejma, Le Clézio põe emcausa e desmonta a imagem estereotipada do grupo a que cada uma delas pertence, chamando a atenção para a força que o pensamento grupal exerce sobre cada um dos seus membros.

Para a análise destes aspectos, um contributo muito importante nos chega dos estudos de psicologia social que esclarecem como os estereótipos são construtos psicológicos gerados por crenças partilhadas:

... stereotypes are normative beliefs just like other beliefs. They are shared by members of groups not just through the coincidence of common experience or the existence of shared knowledge within the society, but because members of groups act to coordinate their behaviour (...) especially in intergroup conflict. (McGarty *et alii*, 2002: 5).

Outro contributo muito importante é carreado pelos estudos da pragmática discursiva conduzidos por Teun Van Dijk (2001,14) que explica como as representações grupais, por sua vez, dão forma às ideologias.

O processo de identificação social que vai definindo as formas de pensar sobre “o grupo” e os “outros” e paulatinamente vai tecendo o pano de fundo ideológico e a formação das ideologias.

Tal processo está bem presente em vários romances de Lídia Jorge, desde *O Dia dos Prodígios* — neste caso veiculado pelo processo do experimentalismo romanesco caracterizador da obra —, passando, obviamente, *pela Costa dos Murmúrios* até ao romance *O Vento Assobiando nas Gruas*.

Nesta última obra o tio Afonso Leandro, tio de Milene, a protagonista, apelida de “terceira vaga” o grupo de cabo-verdianos que, no presente do romance, agora ocupa a fábrica da família Leandro famosa no passado. Ao tentar vender a uns compradores holandeses o espaço da Fábrica de Conservas Leandro 1908, esta personagem vai contar a história da fábrica desde que fora montada por seu avô. Depois dos tempos áureos, veio o tempo da guerra e, mais tarde os problemas da má gestão dos trabalhadores que tomaram conta da Fábrica na década de 70 e a desmantelaram. A Avó de Milene, descontente por ver a fábrica vazia, combina a sua ocupação por uma alargada família de cabo-verdianos que vinha comer junto dos muros da fábrica. Discordando radicalmente desta decisão, o tio Afonso explica como inventou a expressão “terceira vaga”:

... havia-a criado, confessava, associando aqueles que tinham vindo de África, com as migrações dos pássaros, a expansão do cólera e as pragas dos gafanhotos. Exageradamente, reconhecia, mas não era pacífico, num momento em que ninguém sabia o que fazer à fábrica, entregar-se assim um espaço daquela importância, ao cuidado daquilo que o taxista dizia ser um bando de pessoas lentas, pessoas sem a noção do alheio, longe das horas do relógio e dos dias do calendário, pessoas que vinham dum outro mundo, dum outra era. (...) Fora aí, nesse contexto, que ele inventara a expressão de *essa gente, essa leva, essa vaga*. Desgostoso e revoltado. *Terceira vaga*. (Jorge, 2000: 299)

Trata-se indubitavelmente de uma visão preconceituosa do “Outro” e uma rejeição do “imigrante” assalariado pobre.

Contudo, à semelhança do romance francês, também neste encontramos a complexidade que ficção literária é capaz de transmitir no que diz respeito à representação da alteridade e do identitário referida anteriormente. Na verdade, tanto a avó Regina, que combina com a matriarca da família cabo-verdiana a ocupação das instalações da fábrica, quanto a própria Milene contrariam os estereótipos negativos dos membros racistas da família endinheirada.

Como esclarece Maria Manuel Baptista (2004: 109), “do ponto de vista da organização do real o estereótipo social é uma forma de categorização da realidade que possui uma forte coloração avaliativa e afectiva, frequentemente negativa, mas que também pode surgir com conteúdo positivo”. A ficção literária faz ressaltar estas conotações afectivas porque as insere dentro da representação da teia de sentimentos lançada pelo poderoso tema do amor tão presente no género romanesco.

Recentemente Marco Cinnirella<sup>2</sup> (1997: 46) chamou a atenção para o facto de o processo de estereotipização ser um fenómeno paradoxalmente *estático* e *movente*, na medida em que os estereótipos podem apresentar certas cambiantes, surgindo um pouco como “variações sobre um tema”:

If the social stereotypes endorsed by an individual are associated with the social group to which he or she owes allegiance, then it is likely that social stereotypes beliefs will fluctuate in salience parallel with their associated social identities. An associated assumption states that individuals might endorse quite disparate social stereotypes of the same group, in different situations, and when different social identities are salient. (Cinnirella, 1997: 48).

Na verdade, as pessoas adaptam os estereótipos às suas próprias situações, à sua perspectiva quer dependa ela do género ou do grupo social a que pertence. Tal é bem visível no espirituoso romance de Fay Weldon *She May Not Leave*, onde se narra como Hattie, uma mulher moderna que quer regressar à vida profissional depois de ter tido uma filha (trabalhando na parte dos Contratos, no Departamento das Relações com o Estrangeiro, da empresa Dinton & Seltz, Literary Agents), decide contratar uma “au pair” polaca, Agnieszka para tomar conta da sua pequena Kitty e tem de convencer Martyn, o marido, que essa é uma boa solução. Martyn oferece alguma resistência, mas na verdade espera que o regresso ao trabalho da mulher traga mais dinheiro para casa, mais variedade

---

2 Cconvocando estudos anteriores, C. Stott e J. Drury sublinham: “stereotyping is a dynamic process through which social groups make sense of and pursue their identity-related goals within intergroup contexts (Haslam, Turner, Oakes, Reynolds, & Doosje, 2002; Oakes et al., 1999; Oakes, Haslam, & Turner, 1994; Turner, Oakes, Haslam, & McGarty, 1994). In this sense stereotypes are understood to be both (a) a representation (or construction) of the ingroup and its surrounding social relations and (b) an aspect of the social psychology that actually produces those very same social

de comida e maior disponibilidade da mulher. À partida, ambos têm uma ideia estereotipada de uma mulher polaca, como salienta a narradora:

Ele tem uma rapariga polaca estereotipada na sua mente: ela é pálida, maçãs do rosto salientes, pouco peito, atractive mas fora do alcance (2006:17)

Ele tem uma vaga ideia de Agnieszka como uma rapariga rural simples, duma região do interior, com pouca cultura e educação, mas bem treinada pela mãe nas tradicionais artes domésticas. Hattie poderá ensiná-la e abrir-lhe os horizontes (...) (*idem*, 33).

Mas quando chega Agnieszka, estes estereótipos vão cair por terra e, se visualmente e fisicamente, à partida ela não representa para Hattie nenhuma ameaça, logo no início se estranha que ela peça para ter uma secretária no quarto porque tem a intenção de estudar nos seus tempos livres e (enquanto a pequena Kitty dorme). Obrigatoriamente as ideias estereotipadas desfazem-se pelo contacto individualizado, pois aí o “estrangeira” deixa de ser vista com pertencente a um grupo longínquo homogeneizado pela distância e pela falta de contacto directo, passando a ser um indivíduo com a sua singularidade.

Mais uma vez a ficção consegue subverter o estereótipo e mostrar a complexidade das relações humanas no constante contacto com o outro.

Voltando ao início desta intervenção, pensa-se que não será por acaso que os títulos das referidas comunicações de abertura do colóquio da Sociedade Belga de Literatura Comparada sejam elucidativas desta relação que a literatura estabelece com a psicologia social — Joep Leersson propõe como tópico orientador da sua intervenção o seguinte título: “Literature and the articulation of cultural difference and cultural identity”; por sua vez, Philippe BECK (UCL), falará sobre “Aspects anthropologiques de la littérature : Imagologie et psychologie cognitive”.

---

relationships. Therefore stereotyping is one aspect of a dynamic inter-related process involving subjectivity, group processes and intergroup relations (Haslam et al., 2002; Turner & Oakes, 1986).

Por tudo o que se expôs, se pode terminar esta intervenção com uma confissão: está instalada em nós a ânsia e a urgência de ler os textos deste Colóquio organizado na Bélgica.

#### Bibliografia:

- BAPTISTA, Maria Manuel (2004) “Estereotipia e representação social - uma abordagem psico-sociológica”, in BAKER, A.; (ed) - *A Persistência dos estereótipos*, Aveiro, Universidade de Aveiro, pp. 103-116.
- BERTENS, Hans (2008) “Review” to Haun Saussy (ed.) *Comparative Literature in an Age of Globalization*, Baltimore, The Johns Hopkins U P, 2006, in *Recherche Littéraire/Literary Research*, Volume 24, Summer 2008, pp. 30-35.
- BELLER, Manfred; LEERSEN, Joep (2007) *Imagology. The Cultural Construction and Literary representation of National Characters*, STUDIA IMAGOLOGICA, 13, Amsterdam/New York, Rodopi, 2007.
- CINNIRELLA, Marco (1997) “Ethnic and National Stereotypes: A Social Identity Perspective”, in BARFOOT, C.C.; (ed) *Beyond Pug's Tour: National and Ethnic Stereotyping in Theory and Literary Practice*, Amsterdam: Rodopi, 1997.
- DYSERICK, Hugo (2000) “La Dimension Imagologique du Comparatisme Littéraire. Ses Origines Franco-Allemandes et son Actualité Intercontinentale”, in *II Jornadas Nacionales de Literatura Comparada*, 21 al 23 de Abril 1994, Mendonza (Argentina), Centro de Literatura Comparada, Universidade Nacional de Cuyo, 1, pp. 83-106.
- JORGE, Lúcia (2000) *O Vento Assobiando nas Gruas*, Lisboa, D. Quixote.
- LE CLÉZIO, J. M. G. (1992) *A Estrela Errante*, Lisboa, Publicações D. Quixote.

- LEERSSEN, Joep (2000) “The Rheroric of National Character: A Programmatic Survey”, in *Poetics Today*, Vol. 21, nº 2, 2000, pp. 267-292.
- MCGARTY, C.; YSERBYT, V. (2002) “Social, cultural and cognitive factors in stereotype formation”, in MCGARTY, C.; YSERBYT, V.; SPEARS, R. *Stereotypes as Explanation. The Formation of Meaningful Beliefs about Social Groups*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 1-15.
- PLOUS, Scott (2003) “La Psicología del Prejuicio: Un resumen”, in *Social Psychology Network*, 2002-2006 <http://www.understandingprejudice.org/apa/spanish/> (Tradução de “The Psychology of Prejudice: An Overview”, in PLOUS, Scott (ed.) (2003) *Understanding Prejudice and Discrimination*, New York, McGraw-Hill, pp.3-48 .
- STOTT, C. e DRURY, J. (2004) “The importance of social structure and social interaction in stereotype consensus and content: Is the whole greater than the sum of its parts?”, in *European Journal of Social Psychology*, 34, pp. 11-23.
- VAN DIJK, Teun (2001) Discourse, ideology and context”, in *Folia Linguistica*, XXX/1-2, pp. 11-40.
- WENINGER, Robert (2006) “Comparative Literature at a Crossroads? An Introduction”, in *Comparative Critical Studies*, 3.1.2, (2006) pp. xi-xix.
- WELDON, Fay (2006) *She May Not Leave*, London/new York/ Toronto, Harper Perennial.